

GRUPO DE TRABALHO

**CASAMENTO E FAMÍLIA: TEORIA E
PESQUISA EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL**

Coordenadora:

Terezinha Féres Carneiro (PUC/Rio)

Participantes:

Ailton Amélio da Silva (USP)
Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras (USP)
Júlia Ferro Bucher (UnB)
Maria Helena Bromberg (PUC/SP)
Maria Rita D'Angelo Seixas (Esc. Paulista de Medicina)
Rosa Maria S. de Macedo (PUC/SP)

ESCOLHA AMOROSA, TERAPIA DE CASAL E RUPTURA DO CASAMENTO

Terezinha Féres Carneiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Pretendemos discutir os resultados de duas pesquisas por nós desenvolvidas. A primeira delas, ainda em fase de coleta de dados, intitulada "Escolha Amorosa: um estudo sobre namoro, casamento, separação e recasamento" cujo objetivo é identificar, com base nos estudos realizados por Buss (1988, 1989), as preferências de homens e mulheres da classe média na escolha de parceiros para o namoro e o casamento. São sujeitos desta pesquisa 240 homens e 240 mulheres divididos em 4 grupos (solteiros, casados, separados e recasados) de 3 faixas etárias (26 a 35, 36 a 45, 46 e 55 anos). Para obtenção dos dados estão sendo utilizadas escalas de avaliação de 5 pontos com 26 adjetivos e entrevistas semi-estruturadas aplicadas a uma parte dos sujeitos de cada grupo estudado. Esperamos já ter os resultados analisados até a realização do V Simpósio da ANPEPP. A segunda pesquisa intitulada "Casais em Terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento" tem como objetivo investigar os padrões de interação conjugal, verificando as relações existentes entre a manifestação da individualidade e da conjugalidade, os diferentes tipos de escolha amorosa e a possibilidade de realizar mudanças na interação conjugal ao longo do processo de terapia, levando à ruptura ou à manutenção do casamento. Para a avaliação da individualidade e da conjugalidade estabelecemos a partir de Féres-Carneiro (1987) 12 categorias temáticas referidas a cada uma destas dimensões da relação conjugal. Para a avaliação do tipo de escolha amorosa utilizamos a classificação proposta por Willi (1975). São estudados 16 casos de casais em terapia. As análises realizadas mostram que a dimensão de individualidade está menos presente nos 4 casais em que a colusão predominante é a narcísica e nos 4 casais em que predomina a colusão oral, onde a necessidade de fusão dos membros do casal é grande. A colusão sádico-anal da relação dominador/ dominado predomina em 5 casais e nestes a dimensão de individualidade está mais presente. Nos 3 casais em que predomina a relação fálico-edípica, caracterizada pela rivalidade em relação ao papel chamado masculino, há um equilíbrio entre as dimensões de individualidade e conjugalidade. Dos 16 casos estudados, 10 se mantêm casados e 6 se separaram. A ruptura ou não

do casamento tem uma relação menos significativa com a presença maior ou menor da individualidade e da conjugalidade na interação e com os tipos predominantes de colusão, estando relacionada mais significativamente com a maneira como tais dimensões podem se transformar e como, dentro de cada tipo de colusão amorosa o casal, ao longo do processo terapêutico, é capaz de efetuar mudanças no jogo conjunto que envolve seus membros.

OS SEIS ESTILOS BÁSICOS DE AMOR: ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE ACORDO COM O SEXO E A IDADE

Alton Amélio da Silva
Departamento de Psicologia Experimental
Universidade de São Paulo

O amor romântico foi dividido por Lee (1988) em seis estilos básicos: eros (amor apaixonado), ludus (amor passatempo), storge (amor amigo), pragma (amor "shopping list"), mania (amor obsessivo), agape (amor altruísta). O objetivo desse estudo foi verificar a distribuição desses seis tipos de amor, de acordo com o sexo e a idade de sujeitos da classe média do Estado de São Paulo. Foram utilizados sujeitos de três faixas etárias: jovens - 15 a 17 anos (15 homens e 15 mulheres), adultos - 30 a 40 anos - (15 homens e 15 mulheres) e 3a. idade - acima de 60 anos (13 homens e 12 mulheres). Foi aplicado o questionário elaborado por Hendrick & Hendrick (1986), que contém 42 questões que pedia aos sujeitos que assinalassem em uma escala de um a cinco quanto ao grau de concordância para cada uma das questões. As médias de concordância/discordância obtidas foram tratadas através de uma ANOVA (2x3). Os principais resultados obtidos foram: o tipo de amor que prevaleceu em todas as faixas etárias foi o eros; ludus e pragma foram os estilos mais rejeitados; a mulher jovem apresentou-se mais "maníaca" em relação aos demais sujeitos; na terceira idade observou-se uma maior aceitação dos estilos de amor em relação aos demais sujeitos, com exceção do ludus. Estes resultados corroboram as principais conclusões da pesquisa de Hendrick & Hendrick (1986). No entanto, uma das maiores discrepâncias entre os resultados da pesquisa daqueles autores e deste aconteceu quanto à maior aprovação pelas mulheres, do que pelos homens, do amor tipo pragma, naquela pesquisa, o que não foi encontrado aqui. Não existe uma explicação clara para a maior aceitação por parte dos idosos em relação a quase todos os tipos de amor e para o fato dos homens serem mais "agápicos" do que as mulheres, principalmente na terceira idade. Estas questões deverão ser objeto de novas pesquisas.

A EVOLUÇÃO DA INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA COMPORTAMENTAL COM FAMÍLIAS E SUA RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA COM O DIAGNÓSTICO. IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA

*Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras
Departamento de Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo*

A presente reflexão se constitui numa continuidade de trabalhos anteriores da autora sobre a evolução da terapia comportamental com famílias (Silveiras, 1989 e 1993) bem como sobre a relação de interdependência entre diagnóstico e terapia em abordagem comportamental (Silveiras, 1990 e 1991, a e b). Nos trabalhos de 1989 e 1993 procuramos evidenciar como o processo natural de desenvolvimento empírico-teórico de questões internas da própria abordagem - mais especificamente: a generalização e a ecologia comportamental - propiciaram a ampliação do trabalho clínico com famílias de maneira a torná-la mais efetiva e duradoura, além de levá-la a diversificar grandemente suas estratégias terapêuticas de modo a satisfazer as necessidades particulares de cada família. Já nos trabalhos de 1990 e 1991, mostramos primeiramente que as principais mudanças operadas no diagnóstico eram uma consequência do reconhecimento pela abordagem de sua negligência com o mesmo, decorrente do caráter demonstrativo inicial por ela assumido e não de exigências intrínsecas da própria abordagem. Além disso, procuramos evidenciar como a superficialidade no diagnóstico impedia o aprofundamento do elo de interdependência entre ele e a terapia comportamental, assumido como essencial pelos clínicos da área. E, por fim, tentamos chamar atenção para os contornos clínicos a que nos submetemos na prática, no sentido de superar dificuldades com a obtenção de registros quantitativos, vivenciadas no processo de formulação diagnóstica em estudos de caso com famílias. No presente trabalho, temos por objetivo demonstrar como as referidas reflexões se encontram entrelaçadas assim como o estão com a constatação da necessidade de se encontrarem instrumentos avaliativos, objetivos mais abrangentes, voltados para o diagnóstico da família ou não. Assim, procuraremos, primariamente, chamar atenção para as dificuldades com a objetividade na avaliação derivadas da ampliação do modelo de atuação clínica com a inclusão de uma análise mais envolvente de todo contexto familiar global e não apenas a interação entre

pais e criança problemática. Secundariamente, estaremos associando a superação de tais dificuldades com o desenvolvimento de um dos projetos de pesquisa por nós recém-iniciado no IPUSP, apresentando inclusive alguns de seus resultados. Este, por um lado, está voltado para busca de instrumentos avaliativos objetivos e válidos para um trabalho de intervenção clínica comportamental brasileiro com crianças e por outro, com a necessária demonstração da efetividade desse trabalho (Silvares, 1992). A pertinência desses dois aspectos focalizados pelo projeto não serão discutidos em profundidade no desenvolvimento da atual reflexão por já o terem sido em trabalhos estrangeiros (e. g. Nelson e Hayes, 1986 Fallon, 1988 e Kazdin, 1981) e nossos (Silvares, 1992) mas certamente estarão subjacente a toda discussão assim como estará, nas suas entrelinhas, o conteúdo dos textos desses referidos autores visto darem subsídios para a mesma como o dão para a maioria dos projetos de pesquisa por nós desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

A TERAPIA FAMILIAR: CONTRIBUIÇÃO A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA FAMÍLIA

*Júlia Ferro Bucher
Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília*

A terapia familiar tem sido um campo fundamental para a construção do conhecimento da família, da interação entre seus membros, sua dinâmica e processos internos e da sua articulação com as variáveis contextuais extra-familiar ao longo de seu ciclo vital. O trabalho que apresentaremos se baseia numa longa trajetória de pesquisas e atendimentos clínicos na área da família. Discutiremos questões conceituais, estruturais e estratégias no que concerne o atendimento das famílias em diversas situações de stress subsidiando desta forma a retroalimentação do trabalho e da pesquisa junto as famílias.

LUTO COMO UMA CRISE FAMILIAR: UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA E PREVENTIVA

Maria Helena P. F. Bromberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre luto na família. Teve por objetivo analisar aspectos que atingem a família como sistema, sem deixar de considerar o impacto para cada um dos membros. Luto é aqui tratado como uma experiência de crise. Foi utilizado o método de estudo-de-caso, com análise de sessões terapêuticas de famílias enlutadas. Tecnicamente, foram empregados recursos de terapia familiar breve em abordagem sistêmica, com uso de rituais para a finalidade específica da terapia: reconhecimento compartilhado sobre a realidade da perda; compartilhamento da experiência da perda e sua contextualização; reorganização do sistema familiar e reinvestimento em outras relações e objetivo de vida. O estudo concluiu que o uso de rituais é útil em famílias enlutadas que não tenham sido previamente super-ritualizadas, pois nestas há risco de utilização do ritual para finalidades anti-terapêuticas, ou seja: para conservação do estabelecido e não para sua 'transformação'. Concluiu também que é possível trabalhar ecossistemicamente com as famílias, mesmo que apenas um elemento compareça às sessões. A variedade das situações de luto nas famílias estudadas permitiu uma discussão ampla acerca dos resultados. O aspecto preventivo foi abordado no que se refere aos efeitos trigeracionais do luto patológico e também a questões de alcance mais imediato como queixas somáticas, distúrbios de comportamento ou de aprendizagem em crianças. Levantou também questões para reflexão quanto ao tabu da morte, como a necessidade de treinamento para profissionais da área de Saúde envolvidos com a questão da morte. A partir destas questões, duas pesquisas estão sendo desenvolvidas pela autora. A primeira envolve a experiência do duplo luto da adolescente que, diante de uma gravidez indesejada, é levada a praticar o aborto. A segunda refere-se à definição de um modelo institucional para terminalidade e cuidados paliativos voltados para pacientes com câncer ou Aids, que integre equipe hospitalar, o paciente e sua família.

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS FAMILIARES NO BRASIL

Maria Rita D'Angelo Seixas
Escola Paulista de Medicina

"FAMÍLIA: Lugar seguro para crescer"? Partindo do tema do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar a se realizar em julho de 1994 em São Paulo, a autora fala sobre o paradoxo contido na concepção de Família, sua importância e validade para a formação das novas gerações. Fala ainda de como sanar a dúvida sobre a validade de uma instituição, dizendo que se pode, para este fim, seguir dois caminhos: através de uma argumentação lógica que implica na ideologia de quem a formula; ou por uma atividade empírica que pesquisa os efeitos desta instituição em seus membros. Refere-se à literatura sobre Família ser plena de argumentação contra e a favor da existência da Família como lugar adequado para o desenvolvimento do ser humano. Os estudos sobre a história das relações entre a Família e seus membros, têm sido mais desenvolvidos através de pesquisas históricas como a de Ariés (1978) e de outros estudiosos. Afirma que todo o desenvolvimento da Terapia desde seus primórdios até hoje tem sido baseado, em geral, em estudos de casos, e que muito poucos autores como Stierlin (1990) Gergen (1992) têm desenvolvido pesquisas metódicas, sobre a Terapia Familiar. Acredita-se que a Terapia Familiar aumentará suas certezas, eficiência e credibilidade no meio científico, com uma diversificação metodológica mais cuidada. Suas condições de mudança das famílias com as quais trabalha e conseqüentemente do meio social no qual está inserida certamente crescerá com pesquisas que comprovem a eficiência de determinados procedimentos terapêuticos, tornando-se um instrumento cada vez mais eficaz para o terapeuta de família, que deverá ser um agente de reconstrução social. Assim, aponta a importância da inclusão da pesquisa em Terapia Familiar, nos cursos de Formação de Terapeutas de Família, julgando-a fundamental. Na Escola Paulista de Medicina a autora está desenvolvendo dois projetos de Pesquisa em sociodrama familiar com Psicodramatistas alunos de cursos de Terapia Familiar: um sobre Família de Obsessivos e outro sobre Família de Esquizofrênicos, sobre os quais trará informações preliminares por ocasião de sua apresentação no V Encontro da ANPEPP.

FAMÍLIA, ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA DE "EDUCAÇÃO" PARA A FAMÍLIA

Rosa Maria S. de Macedo
Núcleo de Família e Comunidade
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Trata-se de um projeto integrado de pesquisa cujo objetivo último é analisar como a família lida com a sexualidade dos jovens, a prática sexual e as conseqüências indesejadas dessa prática, tanto do ponto de vista dos pais quanto dos filhos. A pesquisa visa como produto a organização de grupos psicoprofiláticos de conscientização e orientação familiar. Embora a sexualidade seja um dos aspectos do desenvolvimento adolescente, indispensável para o estabelecimento de sua identidade, torna-se problema pelo hiato existente entre o exercício normal dessa sexualidade e suas conseqüências indesejáveis (gravidez, aborto, DST) sobretudo, pelo tipo de atuação da família, além da escola, meios de comunicação e sociedade em geral em relação ao assunto. A iniciação sexual cada vez mais precoce, tem sido acompanhada do aumento da gravidez adolescente (10% nascimentos no Brasil são de mães entre 15 e 19 anos) estando boa parte dessa taxa relacionada à repetição de padrões da família de origem (família de mulheres que também foram mães adolescentes) reproduzindo sua pobreza e contribuindo para o aumento da mortalidade infantil. Cerca de 200.000 mulheres, entre as quais grande número de jovens, são hospitalizadas todos os anos em São Paulo, em conseqüência de abortos mal sucedidos. Por outro lado se observa um aumento de casamentos e de separações (oficializados ou não) entre casais cada vez mais jovens, juntamente com o aumento de Doenças Sexuais Transmissíveis (DST) e Aids (10% de adolescente entre os casos registrados) e da taxa de mortalidade adolescente. Diante dessa situação os focos da pesquisa são: - os pais e a família frente à sexualidade adolescente: negação, mitos, negociação; - a sexualidade "Sadia" dos jovens: o lugar da sexualidade, do prazer e do auto-controle nos planos de vida dos adolescentes de ambos os sexos; - gravidez e aborto: crises, estabelecimento e rompimento de ligações afetivas, luto.